

"Potlatch amoroso": outra versão para o masoquismo feminino

Graciela Bessa

"Só nos círculos psicanalíticos se debate com calma a questão do masoquismo feminino. Em qualquer outra parte do mundo é considerado uma injúria" (Éric Laurent).

O tema do masoquismo feminino já foi durante muito tempo discutido entre os psicanalistas, principalmente entre os pós-freudianos. Dentre eles, Hélène Deutsch postulou o masoquismo como um traço estrutural da sexualidade feminina. Baseou-se, para isso, não só na elaboração freudiana do masoquismo feminino - termo que surge pela primeira vez em "O problema econômico do masoquismo"¹ como sendo a expressão do ser da mulher -, como também na concepção biológica do desenvolvimento humano. Hoje em dia, é fácil encerrar a discussão utilizando-se da frase lacaniana: "o masoquismo feminino é uma fantasia masculina"². Porém, logo após essa afirmação, Lacan não deixa de advertir que o masoquismo feminino pode ser uma espécie de véu que serve aos interesses das próprias mulheres e que convém não levantá-lo depressa demais.

Apoiada nessa indicação lacaniana, proponho uma discussão sobre esse ponto para abordar alguns fenômenos clínicos que se observa na vida amorosa de algumas mulheres. Ou seja, de que modo se pode pensar a posição de gozo de uma mulher que faz qualquer tipo de concessão a um homem sem se valer da ideia de que o masoquismo é constituinte da sexualidade feminina.

É em torno das formulações de Lacan sobre a satisfação engendrada pela privação e nas considerações de Marcel

Mauss sobre a prática do Potlatch³, que Laurent⁴ propõe nomear os fenômenos em que mulheres se despojam de seus bens em nome de um amor de *Potlatch* amoroso.

Na experiência analítica é possível observar, com certa frequência, sujeitos femininos que se desfazem de seu ter para fazer-se ser no campo do Outro. Ou seja, constroem um ser pela via da privação. São sujeitos capazes de qualquer tipo de concessão em nome do amor de um homem, para assim fabricar seu "ser de mulher". Para Laurent⁵, é com a introdução do conceito de privação que Lacan lança uma nova luz para dar conta desse gozo que as mulheres experimentam em se desfazer de seu ter.

No *Seminário A relação de objeto*, Lacan⁶ introduz o termo privação, ao lado dos termos castração e frustração, para especificar a relação do sujeito com a falta de objeto. Ao representar a castração freudiana como $(- \phi)$, Lacan indica que o que está em jogo é o falo em sua dimensão imaginária, embora a castração seja uma operação simbólica. Para o menino aceder a uma posição viril, ele fabrica seu ser sexuado enfrentando a ameaça de castração, ou seja, a partir da ameaça de perder o que tem.

Já a privação diz respeito a um furo no real, uma vez que ela marca a ausência de pênis na mulher e "indicar que alguma coisa não está ali é supor sua presença possível, isto é, introduzir no real, para recobri-lo e perfurá-lo, a simples ordem simbólica"⁷. Essa presença suposta é a do pênis, que no campo da privação é simbólico.

Como é a sexualidade feminina que nos interessa, seguindo essa orientação, considera-se que o *Penisneid* diz respeito à privação, uma vez que é possível para a menina encontrar substitutos simbólicos para essa suposta ausência. É justo por isso que Lacan diz que a "menina se considera, nem que seja por um momento, castrada, na acepção de privada de falo"⁸. Ou seja, o não ter o falo do

lado das mulheres diz respeito a uma privação de algo inscrito no simbólico.

Uma mulher pode fabricar seu ser sexuado pela via da inveja do pênis. Essa seria, portanto, uma das possibilidades para o sujeito feminino recobrir a privação com uma falta e nesse sentido buscar no campo simbólico um substituto para o falo. É a solução histórica, por exemplo. Por outro lado, qualquer coisa que ela venha colocar aí não passa de um substituto e isso a conduz para uma busca incessante.

Há outras soluções que não passam pela reivindicação fálica. A via do amor, por exemplo, pode ser uma solução possível para recobrir o real que está em jogo na privação. O comentário sobre o caso da Jovem homossexual⁹ permite a Lacan ilustrar um modo de satisfação que o sujeito extrai da privação. Decepcionada com o pai pelo fato de não ter recebido dele o filho como substituto simbólico do falo, a Jovem homossexual se incumbe em mostrar ao pai como se ama uma mulher. A estratégia que adota é pela via do amor cortês. A Jovem homossexual, na sua relação com a dama, dá o seu amor, sua dedicação sem pedir e sem receber nada em troca. Por essa via, ela dá o que não tem e o que ama no outro é a sua falta. É um amor que não se satisfaz na realidade. Nesse caso é o amor como dom. Com essa relação, ela não apenas desafia o pai, mas também obtém uma satisfação extraída da condição desse amor, que ele não seja satisfeito. É um modo de fabricar um ser a partir da subtração do ter.

Laurent¹⁰ traz outro exemplo. É de uma menina, em idade pré-escolar, que joga fora os objetos escolares que ganhou de seus pais em um pequeno precipício situado nos fundos da escola que frequenta. Isso acontece diante de seus coleguinhas, que a olham com certa admiração. Laurent chama a atenção para o fato de que essa menina, desde muito cedo, teve a intuição de que era possível fabricar seu ser

a partir de sua privação. Desfaz-se de seus objetos, mas conquista um lugar de prestígio entre seus pares.

Na clínica, verifica-se que uma parceria nesses moldes pode retornar para o sujeito feminino como uma devastação. É o caso de uma jovem mulher que sempre atendia aos apelos financeiros do namorado. Sempre o ajudava, pois acreditava que ele só podia contar com ela, ela era tudo para ele: era amada por ele.

Observa-se que esse ser, assim construído, e que se alcança pela subtração do ter, é possível às mulheres porque elas não estão sob a ameaça de castração. "Lacan faz dessa privação o instrumento para repensar o ser das mulheres, tal como foi deixado pelo masoquismo"¹¹.

Uma mulher busca a palavra de amor supondo que essa palavra possa isolar um significante com o qual ela designe seu ser; ser esse foracluído do simbólico. É pela via do amor que se abre a perspectiva de se fazer toda, de encontrar um significante justamente ali onde o significante não responde. A demanda de amor é dirigida para o surgimento de algo no lugar do significante foracluído, algo que possa cumprir a função de suplência. É preciso apontar que isso não deixa de conter certo risco, pois desse modo uma mulher se torna mais dependente dos signos de amor vindos do objeto amado. Ao enfatizarem, em suas relações amorosas, o fazer-se amar, elas criam as condições para a emergência da via erotômana em sua relação com o parceiro, podendo fazer qualquer tipo de concessão. Tem-se nisso a vertente, tão comumente encontrada nas mulheres, da devoção.

Então, o fato de as mulheres não estarem sob a ameaça da castração, pois não têm nada a perder nesse campo, faz com que não haja limites para elas nos caminhos de sua devoção ao amor. Esse sem limites não se deve ao fato de elas serem masoquistas, mas sim ao fato de elas serem muito mais decididas em dispor de si mesmas, de seu corpo,

inclusive. Miller apontou para esse fato ao afirmar "que o masoquismo feminino não é mais do que uma aparência e, como se sabe, o segredo do masoquismo feminino é a erotomania"¹².

Ao elevar à dignidade de paradigma para a sexualidade feminina a satisfação masoquista, Hélène Deutsch explica o fato de uma mulher se entregar ao amor de um homem, sem fazer nenhum cálculo, ser tudo para ele. Seu equívoco consiste em não ter se apercebido de que a solução feminina não gira em torno da lógica do todo, mas sim em torno da lógica de ser Outro para um homem. A posição feminina, portanto, diz respeito a ser Outro sexo, aquele que não se caracteriza pela referência ao falo.

Lacan já havia anunciado isso desde 1958, em seu texto "Diretrizes para um congresso sobre a sexualidade feminina". Ele afirma que "o homem serve aqui de conector para que uma mulher se torne Outro para ela mesma, como o é para ele"¹³. Nessa citação, um homem também é aquele que franqueia para uma mulher aceder a um gozo distinto do gozo fálico, quando justamente ela se torna Outro para ela mesma.

Ele erradica o termo masoquismo feminino do campo da sexualidade feminina, quando, no *Seminário Mais, ainda*¹⁴, ao proceder à investigação sobre o gozo feminino, não faz nenhuma menção a ele. É interessante porque nem ao menos o retoma para criticá-lo. Não há, portanto, nenhuma necessidade de apelar à satisfação masoquista para dar conta da relação do sujeito feminino como o gozo não-todo fálico.

Sem recorrer ao suposto masoquismo feminino, Laurent¹⁵ se vale da lógica intrínseca à prática do *Potlatch*. No campo amoroso, é possível a uma mulher enveredar pelo caminho de dar tudo para o homem amado, ser tudo para ele, e ela vai muito longe nisso. Ela busca fabricar seu ser - ser esse impossível de ser representado pelo significante -

a partir do ter. O primeiro passo consiste em perder, tal qual na prática do *Potlatch*. Mas, por alguma contingência, ela pode se interrogar sobre o que quer nessa parceria e perceber que não é nada para o outro, que o único lugar que lhe é reservado é o de objeto maltratado. Quando isso acontece sua posição subjetiva nessa parceria vacila. A questão feminina não é ser tudo ou nada para um homem, mas de ser Outro para ele.

Com o termo *Potlatch* amoroso, supõe-se que Laurent¹⁶, além de seguir a orientação de Lacan, coloca em pauta, no campo da sexualidade feminina, o gozo da privação. Uma mulher, ao se desfazer de seus bens, faz surgir um ser que não se sustenta no ter, mas na perda do ter.

Nessa discussão em torno do masoquismo feminino, chama a atenção o fato de Laurent não recorrer ao campo da mascarada para explicar esses fenômenos. Ele, por sinal, cita Joan Rivière para esclarecer que essa autora isola esses fenômenos sob o mecanismo da mascarada e do semblante.

A hipótese que se levanta é de que Laurent identifica algo aí que não se deduz do lugar de objeto-causa de desejo que uma mulher pode consentir em estar para um homem. Ou seja, não se pode debitar ao consentimento das mulheres a virem ocupar esse lugar de fazer semblante de objeto na fantasia de um homem o que as empurra a sua devoção amorosa, independentemente dos riscos que podem correr nessa empreitada.

Ao introduzir o gozo da privação como o que sustenta a corrente de devoção ao amor nas mulheres, parece que Laurent¹⁷ liga esse gozo ao $S(A)$ sem passar pelo objeto a . Ou seja, o que subjaz ao gozo da privação é o $S(A)$. Sendo assim, a devoção ao amor não depende da fantasia de um homem, é efeito da inexistência de A Mulher. Isso quer dizer que o gozo da privação não joga com o semblante.

É na experiência clínica que Laurent¹⁸ busca o fundamento sobre como uma mulher se torna Outro para si mesma a partir do gozo da privação. Trata-se de uma mulher que se prestava a todo tipo de capricho sexual de seus parceiros. A primeira vista, podia-se pensar que se tratava de uma satisfação fálica, ela se colocando como objeto na fantasia dos parceiros. Mas, a sua posição propriamente feminina estava nos abortos consecutivos que esse sujeito fazia, pois com o avanço da ciência eram perfeitamente evitáveis. Ela queria ter esses abortos em série. Ela se faz privada desses filhos. "Aqui se revela esse gozo mortífero, o gozo de ser privada, que pode tomar essa forma"¹⁹.

O termo *Potlatch* amoroso parece aproximar-se mais daquilo que está em jogo na sexualidade feminina do que a satisfação masoquista. Fabricar um ser pela subtração do ter nos envia para a solução proposta por Lacan²⁰ de que o ser da mulher há de ser abordado pela via do suplemento, um suplemento em relação ao significante e não através de uma pulsão parcial. A devoção ao amor não passa necessariamente em se fazer objeto-causa de desejo de um homem, não depende das condições do desejo deste, mas de $S(A)$.

¹ Freud, S. (2006[1924]). "El problema económico del masoquismo". In: *Obras Completas de Sigmund Freud*, vol. XIX. Buenos Aires: Amorrortu editores.

² Lacan, J. (1979[1963-1964]). *O seminário, livro 11: os quatro conceitos fundamentais da psicanálise*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, p. 182.

³ Segundo a antropologia, na prática do *Potlatch*, há uma demonstração de uma compulsão para o prestígio na qual se toma uma direção oposta a qualquer racionalização de custos materiais, ou seja, trabalha-se não pela riqueza ou pela posse em si de bens materiais, mas pelo prestígio que elas causam em seus competidores, pela destruição das mesmas. O objetivo de um *Potlatch* é jogar fora ou destruir mais riquezas que o rival. Se o oferente do *Potlatch* era um chefe poderoso, procurava humilhar seus rivais e ganhar a eterna admiração de seus homens, destruindo alimentos, roupas e dinheiro. Nessa prática de poder, não é o acúmulo de bens que dá prestígio, mas sua destruição.

Aqui o prestígio e o respeito do outro são obtidos através da privação. Há uma satisfação que se extrai em fazer-se privado, nesse caso, de seus bens.

⁴ Laurent, É. (1999). *Posiciones femeninas del ser*. Buenos Aires: Tres Haches.

⁵ Idem. *Ibidem*.

⁶ Lacan, J. (1995[1956-1957]). *O seminário, livro 4: a relação de objeto*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor.

⁷ Idem. *Ibidem*, p. 224.

⁸ Idem. (1998[1958]). "A significação do falo". In: *Escritos*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, p. 693.

⁹ É um caso clínico de Freud e está publicado sob o título: "Sobre a psicogênese de um caso de homossexualidade feminina". In: *Obras completas de Sigmund Freud*, vol. XVIII. *Op. cit.*

¹⁰ Laurent, É. (1999). *Op. cit.*

¹¹ Idem. *Ibidem*, p. 70.

¹² Miller, J.-A. (1998). "O osso de uma análise". Salvador: Edigraf, p. 118.

¹³ Lacan, J. (1998[1958]). "Algumas diretrizes para um Congresso sobre a sexualidade feminina". In: *Escritos. Op. cit.*, p. 741.

¹⁴ Idem. (1985[1972-1973]). *O seminário, livro 20: mais, ainda*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor.

¹⁵ Laurent, É. (1999). *Op. cit.*

¹⁶ Idem. *Ibidem*.

¹⁷ Idem. *Ibidem*.

¹⁸ Idem. *Ibidem*, p. 95.

¹⁹ Idem. *Ibidem*.

²⁰ Lacan, J. (2003[1972]). "O aturdido". In: *Outros escritos*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor.